

# Media Network

LDC | Design Multimédia

P01 - Ecologia Mediática

Grupo 18

Ana Marta Dias

Claudia Machado

Sofia Gouveia

FBAUP

10.10.2016

Media Network

Memória Descritiva | 2

Cartaz | 7

Bibliografia | 8

## Memória Descritiva

A presente memória descritiva contempla uma breve reflexão sobre os media e de que forma podem estes participar no nosso quotidiano. Mulder resume: *“Media are means of reaching other; that is the simple definition”*. Podemos compreender que temos um agente emissor que pelo recurso de tecnologias (explicado mais adiante) ou pelo seu próprio corpo consegue comunicar uma mensagem a um agente receptor. O autor reforça: *“the medium is the message”*. O medium tem em si uma força de impacto cultural, social ou político. No entanto a sua mensagem, o seu conteúdo é mais forte que o medium em si ou do que o seu utilizador poderá tentar alcançar.

Media Network é o título do projecto e do cartaz realizado para o qual esta memória descritiva acompanha. É difícil isolar um medium ou considerar o que não pode ser um medium, isto num sentido divergente. Assunto ainda em aberto é, por exemplo, o próprio humano - podemos ou não considerá-lo um medium? Procuraremos responder a esta e outras questões ao longo do texto. Entretanto o avanço e aprofundamento no tema levou-nos a questionar relações e de que forma as nossas diferentes vidas poderiam estar conectadas, em que pontos se tocavam. Decerto não ignoramos as inúmeras relações e ligações a que os media estão associados. Tal informação tornou-se gritante para o grupo de trabalho, motivo pelo qual optamos transformar as complexas ligações e os diferentes media numa rede, num espaço que tornasse possível ligar e desligar produtores a tecnologias consoante os seus contextos.

A presença de media nas nossas actividades era desconhecida, pelo menos de um ponto de vista activo ou crítico, até ao seu confronto e compreensão. De acordo com a sua “presença e permanência na nossa esfera pessoal e interpessoal” fomos capazes de os classificar e diferenciar entre eles, os media. Metodicamente foram avaliados parâmetros como as suas características, que tecnologias necessitavam - analógicas ou digitais, hierarquia, importância, frequência de uso/ contacto, entre outros, através de um brainstorming (ver imagem 1.1 e 1.2). Podemos compreender, neste contexto, tecnologias como: ferramentas ou suportes nos quais o emissor constrói/ sustenta a sua mensagem. Poder ser um papel, um lápis, impressão a serigrafia ou gravura na variante analógica. A digital por outro lado agrupa a tecnologia digital a que hoje recorremos, quase todos os dias: computadores, smartphones, máquinas fotográficas digitais, etc. Foram necessárias várias reflexões para compreender as circunstâncias em que um objecto, uma acção ou mesmo um humano podem ou não ser considerado media. Pensar o humano como um medium foi desafiante visto que o trabalho é focado em três pessoas, em três humanos. Foi necessário algum afastamento para a compreensão sobre o momento em que um humano se pode converter num medium. Mulder questiona-se igualmente: *“A question that precedes the media question seems to be: Is the body itself a medium, a means of transmitting a message in coded form from a sender to a receiver and vice versa? This question is not an easy one to answer.”*. No seu livro acaba por não considerar o humano como um medium dando um exemplo de uma tribo australiana. Quebrando a teoria de Mulder podemos repensar o problema: quando temos reacções faciais, propositadas ou não, estamos a fazer o quê? Quando hoje na dança contemporânea observamos uma peça em nu podemos compreender que deixamos todos os adereços e nos concentramos no homem. Media ou tecnologia torna-se uma barreira quase intangível porque os limites cruzam-se. A língua gestual pode ser o media e o corpo pode ser uma tecnologia de recurso mas cada um é livre de inventar “gestos” que podem ser compreensíveis, entendidos num determinado contexto. Pensar no corpo além do que numa tecnologia ou numa ferramenta. *A priori*,

Imagem 1.1

Fotografia do processo de trabalho inicial: categorização de media e tecnologias.



Imagem 1.1

Fotografia do processo de trabalho: listagem dos media e respectiva quantificação de frequência e importância.

	C	S	H	
	x	x	x	looptip
	x	x	x	shav
	x	x	x	escante
			x	podcast
	a	a	x	sejico
	a	a	x	fimes
	x	x		musical
	x	x	x	postes
	x	x	x	haga
(ukegit)	(piro)	(ukegit)		Unkure
	x	x	x	video day
			x	ruskage
	x	x	x	leaze e
			x	motion cap
				<del>hata</del>
				<del>chante</del>
				<del>concrete</del>
	x	x	x	linact
	x	x	x	compi
		x		inglo
		x		japano
		x		frances
		x	x	videohom
	x	x	x	aulas p
	x			danga
	x	x	x	emaj
	x	x	x	luno/pict

reconhecemos que quando reflectimos nestas questões poderemos estar igualmente a reflectir sobre a separação entre o corpo físico e as emoções ou os pensamentos. Com uma opinião bastante empírica, mas consciente que poderemos mudar, compreendemos que o humano pode ser um medium.

A lista dos media começou a crescer chegando a um ponto caótico. Para os “organizar” foi necessário encontrar grupos e compreender os seus sistemas. A solução que encontramos suporta-se no conceito de ecologia mediática. É importante porque permite comprimir sem retirar informação. Um ecossistema é composto por agentes, campos de acção, relações dinâmicas, regras de funcionamento entre muitos outros aspectos. Permite representar grupos (=ecossistemas) sem excluir as suas relações e a forma como estes se organizam. Fundamenta também a dinâmica, condição que está incorporada nos media e nas suas tecnologias.

*“The term “ecology” is used (...) because it is one of the most expressive language currently has to indicate the massive and dynamic interrelation of processes and objects, beings and things, patterns and matter. At the same time (...) it is a term that obviously has a history.”  
(Fuller 2005, 2)*

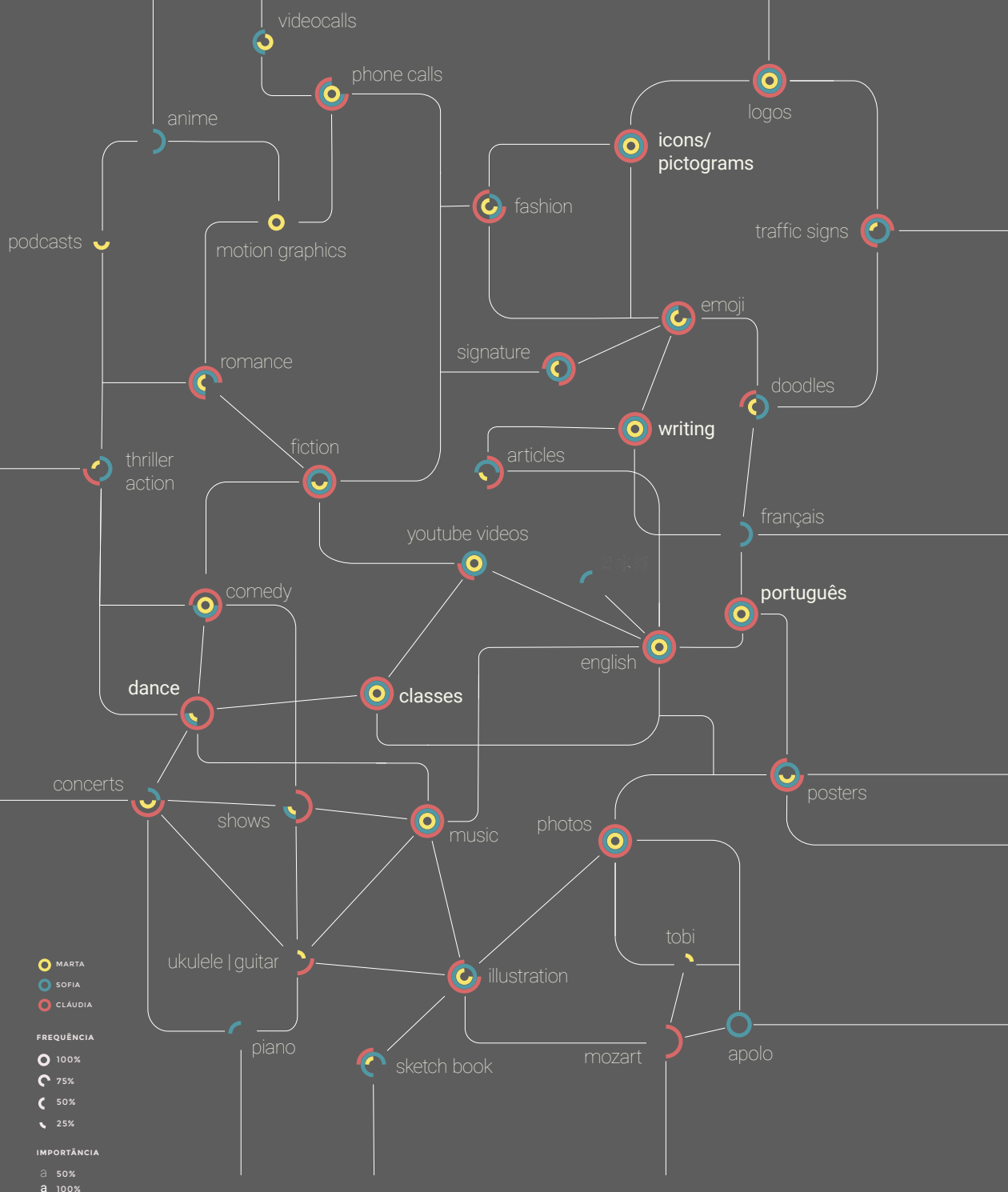
Para a concepção do cartaz optamos por levar à letra, ponto por ponto, a ecologia mediática representando alguns dos seus ecossistemas. De acordo com o que já referimos anteriormente para representar as complexas ligações e relações que os media criam com a sociedade, neste contexto connosco, procuramos uma solução que visualmente pudesse ajudar a melhor compreender todo este processo. O processo gráfico procurou reflectir o nosso levantamento e concepção de media. A escolha de uma rede de ligações entre ecossistemas de media (media network) seria a forma mais adequada para fazê-lo. A representação das ecologias mediáticas acabou por ser uma palavra. Foi escrito um nome que representasse toda uma cadeia de relações e ligações dentro desse ecossistema. Por exemplo: quando referimos piano ou guitarra não referimos a tecnologia em si mas o acto de

tocar piano/ guitarra e a mensagem que procura comunicar pela sua expressão corporal, emotiva ou crítica. Incluímos o seu artista, o possível público e o espaço em que este se pode desenvolver, desde uma praça pública a uma sala de concertos na casa da música. Outro exemplo são os nossos animais de estimação. Apolo, Mozart ou Tobi são os nomes deles mas não são exclusivamente eles os media. Pretendemos representar todas as suas ligações e relações que têm connosco. A rede criada para representar a nossa ecologia mediática surge com os seus limites representados “em aberto”. Isto porque se compreende que, dada a extensão vasta daquilo que podemos definir como media é impossível contemplar todos os medium com que interagimos diariamente, mesmo num processo convergente. Para não falar dos avanços científicos e tecnológicos constantes fazem com que novos medium surjam a uma velocidade estonteante. Nesse sentido, deixar a nossa media network “em aberto” como uma narrativa aberta pareceu-nos a solução mais adequada.

Em suma, importa referir que este trabalho tornou possível a consciência do significado de media, ainda que não num conceito fechado, e da sua particular abordagem e influência sobre a cultura que nos rodeia. Entender os media como uma ciência, uma forma de ver e analisar a vida humana. Mulder e McLuhan sugerem convictamente levarmos o assunto seriamente :

*“Marshall McLuhan called media theory a science because, like all sciences, it can explain all of reality – but only from a single angle or on a single level.”.*

Mulder reflecte: *“In observing and describing the world, it is not the world that is the message, but the medium (...) In the media we are never alone.”* Porque um medium é uma mensagem. Hoje, mais do que nunca, na “aldeia global” não comunicar torna-se quase impossível para o ser humano. O mesmo se aplica para os media: isolamento não é uma opção.



# AN INFOGRAPHIC OF OUR MEDIA NETWORK

## **Bibliografia I**

### **Webgrafia**

Mulder, Arjen. Understanding media theory: language, image, sound, behavior. Trad.: Laura Martz. Rotherdam, V2\_Publishing, 2004.

Jenkins, Henry. Convergence Culture. Where Old and New Media Collide. New York: New York University Press, 2006.

Página Cadeira no moodle  
<https://moodle.up.pt/course/view.php?id=66>

Referência Visual  
<https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2009/nov/25/london-tube-map-design>